
DO INCÊNDIO AO CONFINAMENTO: RELATOS DA TRAJETÓRIA DE VIDA DE UMA PORTA VOZ DAS TRADIÇÕES AFRO-BRASILEIRA EM SERGIPE

Margareth Pinto de Menezes¹

RESUMO

A presente comunicação procura relatar aspectos da trajetória de vida de Dona Edite, mulher negra, filha de Nagô, 95 anos de idade, residente no povoado do Pinica Pau – município de Malhador-Sergipe. Sua memória revela a história de vida de uma mulher valente, devota de Nossa senhora da Conceição e nos orixás, uma porta voz das tradições Afro-brasileiras. O preconceito, a falta de sensibilidade, o desrespeito fez com que seu neto deliberadamente queimasse todo seu indumentário, proibindo-a de exercer sua religiosidade. Seus familiares internaram-na num manicômio para afastá-la de qualquer contato com o candomblé. Até nos dias de hoje os filhos e netos a proíbem de falar a respeito alegando ser loucura tudo o que ela diz. Em seu quarto tem um altar com vários santos aos quais ela canta e faz reverência aos orixás. Isolada D. Edite fala com as plantas, diz que aqui nada nem ninguém mudará a sua fé.

A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo
Pierre Nora

A presente comunicação procura relatar a trajetória de vida de Dona Edite. Sua memória revela uma mulher valente, porta voz de tradições que a sociedade local se quer conhece, e se conhece não respeita. D. Edite é devota de Nossa Senhora da Conceição (oxum), reafirma sua identidade buscando em suas raízes energia. Sua trajetória é delineada pela religião, através da relação com a comunidade local, lembra-se com um sorriso das ocorrências de um tempo que ficou para trás, não sabe ao certo de sua relação com descendentes de escravos, mas ouvia falar a respeito, diz que talvez seu avo fosse neto de escravo, diz também que nesta região, ou seja, no povoado tem muitos negros, ou melhor, na sua maioria são negros risos... “Não são as memórias e identidades os pontos centrais,

¹ Margareth Pinto de Menezes, licenciada em Geografia pela UNIT, professora de geografia e história no ensino fundamental maior.

mas as suas respectivas representações nas experiências e expectativas de vida” (DIEHL, 2002).

O preconceito, a falta de sensibilidade, o desrespeito fez com que seu neto (José) deliberadamente queimasse todo seu Indumentário, com o objetivo de proibi-la no exercício de sua religião. Seus familiares a interna num manicômio para afastá-la de qualquer contato com a “Umbanda”. Infelizmente seus familiares não querem perceber que esta senhora de estatura baixa traz consigo uma força inacreditável, ou seja, sua religião na verdade a torna uma praticante das matrizes africanas que a faz forte e ter uma fé inabalável. Até os dias de hoje seus filhos e netos a proíbem de falar a respeito da religião alegando que Dona Edite é louca ou já não sabe mais o que diz.

Durante uma das visitas que fiz a casa de D. Edite seu filho (João Dias) apareceu, perguntou o que eu estava fazendo ali, respondi que era uma entrevista para desenvolver um trabalho de resgate da memória de pessoas com mais de noventa anos e que tivesse nascido nesta localidade, pois ali foi o lugar que delimitar para desenvolver este projeto, que na verdade seria bom inclusive para a D. Edite sem contar a contribuição para o próprio povoado e mesmo o município.

Depois de muitos argumentos o filho concordou e disse que só não devo perguntar da religião dela que sobre isso ela não sabe o que diz. Depois das recomendações, o senhor vai embora nos deixando bem a vontade. D. Edite após a saída do filho diz em voz baixa “Ele sabe que não sou louca, mas tem medo do povo zombar de mim, ele cuida de mim e eu finjo que obedeco”(risos).

No quarto que ela dorme tem um altar com alguns Santos para os quais ela canta e faz reverencia. Durante o tempo que fiquei com D. Edite fomos até o quarto, ela cantou e dançou, sem esquecer da letra e dos passos. Sua memória é espetacular. Fica a impressão de que o tempo não passou, ou que eu estava no tempo em que esses elementos compunham os momentos. Isolada, em seu sitio no povoado de Pica-pau, município de Malhador, a 49 km da cidade de Aracaju. Dona Edite, nos recebe em sua casa no dia 07/09/2007, ressaltando que esta é a quarta vez que a visito, e sempre há uma enorme disponibilidade por parte dela,

por cerca de duas horas vai relatando suas memórias, que nem sempre se apresentam com segurança, já que são perceptíveis algumas oscilações em sua fala.

Em outros momentos a emoção e os seus suspiros deixam claro a saudade de um tempo que guarda na sua memória, sua identidade será preservada, é uma prova viva de resistência, pois todas as pessoas desta localidade a conhecem, confirma quase tudo que ela diz. Um morador do povoado (Mario) relembra que no dia de Cosme e Damião ela fazia caruru e muita gente ia até o sítio para comer e era muito bom. Mario diz... “Lembrar disso percebe que faz falta, pois esse detalhe revela a identidade de todos nós”.

A professora da Escola Rural (Tereza), também fala de fatos importantes, ressaltando o fato de se tratar de uma mulher que com certeza elevará os conhecimentos de todos nós com seus relatos, a professora foi envolvida num trabalho de resgate de memória para aplicação na aula de história com meninos de 4ª série, e está sendo muito importante no desenvolvimento dessas crianças. A professora diz: “Levei meus alunos para conversar com ela na semana que comemoramos o dia da consciência negra, os meninos entre 9 e 11 anos ficam a vontade não demonstra o menor receio em perguntar e D. Edite se mostra vaidosa quando percebe o interesse das crianças e diz esses meninos vão longe, pois começou com a pessoa certa, tenho muita coisa para contar, sei que seus avós vão lembrar do que estou falando risos... Foi uma experiência maravilhosa era como se cada um de nós pudesse chegar ao mundo que D. Edite estava revelando, como se fizéssemos parte daquela historia perfeito” (depoimento de Tereza)

Para a realização deste trabalho estamos usando os resultados de algumas entrevistas com Dona Edite, com moradores da comunidade e outras fontes que vão sendo mencionadas por ela. Aos poucos ela revela sua história através de uma viagem guardada na memória.

Maria Edite “é” mulher, negra, 95 anos de idade, filha de Jose Acácio de Almeida e Maria da Conceição Santos, Sr. Lino o padrinho a quem Dona Edite se refere com muito carinho. Ele a criou desde o seu nascimento, nascida em 03 de dezembro de 1912, mãe de 21 filhos, moradora do povoado Pica-Pau, em um sítio, com poucos vizinhos, próximo a serra de

Itabaiana, leva uma vida simples em meio à natureza. Localiza-se no município de Malhador, microrregião do agreste de Itabaiana, estado de Sergipe. A 49 km de Aracaju. Sua sobrevivência é a comercialização de frutas em feiras livres no município de Riachuelo há 29 km de Aracaju. Professora a Umbanda e é filha de Oxum. Dona Deuzinha é sua mãe de Santo, a pessoa que a introduziu na matriz da religião africana.

Quando menina D. Edite já manifestava um envolvimento com a religião de matriz africana. Segundo ela, conseguia prever fatos do cotidiano da comunidade, manifestava a presença de orixás, mas por conta do preconceito e da aversão de seus familiares atribuindo as forças do mal.² “Eu fui três vezes para o manicômio)...

Porque andava doida no mundo a cavalo” Sua mãe a leva para o manicômio com o pretexto de que suas manifestações sejam crises de loucura. Ao retornar ao convívio familiar D. Edite permanece recebendo os orixás, nesta ocasião já está casada então o marido com a mãe a levam para um terreiro localizado no município de Riachuelo, e relatou que D. Edite estava possuída por forças do mal. D. Edite revela que andava sem destino sentia-se perturbada chegando a passar dias fora de casa.

A partir daí D Edite tem seu primeiro contato com D. Deuzinha (Mãe de Santo num terreiro em Riachuelo), essa é a pessoa que a torna Filha de Santo e D. Edite passa a praticar a Umbanda, e é feita filha de Oxum.

É interessante perceber a relação de fé com a igreja Católica, por várias vezes ela se refere a Nossa Senhora da Conceição (Oxum), Cosme e Damião (Ibejis) com muita devoção. Esta atitude, talvez tenha sido a forma inconsciente para driblar toda perseguição, principalmente por parte de filhos, comunidade e netos, ou seja, na verdade encontrou uma forma para um convívio harmonioso, e ela então pode transitar entre o catolicismo e a religião africana. D. Edite recebe o “Pé de Santo de D. Deuzinha”, e passa a praticar a religião em seu sítio no povoado do Pica-pau, município de Malhador, e recebe as pessoas que a procuravam para resolver roubo de animais, outros para rezar, fazer oferendas e trabalhos.

² Trecho da entrevista realizada no dia 07/09/2007, por Flavio de oliveira e Margareth Pinto de Menezes.

As festas religiosas aconteciam segundo o calendário do catolicismo, no terreiro D. Edite contava com as filhas de Santo que ajudavam nos rituais e atender a população. Seus filhos não admitem que D. Edite continue a praticar sua religião, passam a proibi-la de qualquer contato com o tema. Seu neto (José) aproveita a ausência da avó, que por questões de saúde ficou ausente de sua casa por 15 dias, juntou todos os pertences de praticas religiosa tais como: seus santos, suas roupas, todos os materiais utilizados nos encontros religiosos e ateia fogo salvando apenas alguns santos.

Quando do seu retorno para casa tomou um choque, mas... Preferiu o silêncio demonstra receio ao falar do fato, como se quisesse proteger o responsável por esta atrocidade. Ao que parece D. Edite já se acostumou a estar em sua eterna solidão, mesmo porque fica mais fácil se manifestar, em vários momentos ela manifestou sua devoção e transmitia como é bom estar ali no seu canto sem perturbações, cobranças e livre para estar próxima daquilo que mais acredita a sua religião.

D. Edite demonstra uma lucidez maravilhosa principalmente quando se refere ao passado. É perceptível o quanto tem facilidade de trazer suas memórias a tona, enquanto que falar do presente é mais difícil. Revela saudades de um tempo em que as festas eram mais frequentes, que mesmo impedida pelo pai participava dos eventos então tinha as danças que já não têm mais, ela lembra que as moças se enfeitavam e vinham ao parque com barcos, cadeiras de balanço e era uma diversão, o tocador de sanfona, pandeiro e triângulo e todos se divertiam.

Ela diz que em seu terreiro, ou seja, seu quintal recebia muitas pessoas as sextas feiras e faziam oferendas, e tinha o tocador que reverenciava os orixás, fatos que não existem mais por conta da aversão da comunidade e as pessoas já nem existem mais só algumas. Em suas lembranças aparecem fatos que revelam uma cultura forte e que também não existe mais (segundo D. Edite o povo hoje não quer saber dos velhos), fica muito feliz em ter a oportunidade de compartilhar suas alegrias com quem chegar. Perguntei se gostaria de encontrar com as crianças para contar sobre sua vida ela riu muito, mas concordou que se acontecer será importante. Com suas palavras revelou que quer ver as tradições sendo

executadas e nesta comunidade são poucos os que podem ser instrumento de resgate. Seria bom ver esses meninos praticando o reisado, o samba de coco.

Devido ao episódio narrado por D. Edite, a mesma foi obrigada a realizar suas praticas religiosa escondida, sem demonstrar aos filhos e netos que ainda mantém contato com os seus orixás, a própria dificuldade é revelada durante a entrevista, demonstra receio de ser vista por seus familiares falando da religião, o mais curioso é que ela tem uma preocupação de não contrariá-los, não admite qualquer comentário no sentido de critica ao procedimento do neto “José” que definitivamente destruiu quase toda sua indumentária.

Assim essa senhora exerce suas praticas religiosas num quarto com poucas imagens, mas repleto de muita fé, cultua seus Santos sozinha, e assim suas manifestações acontecem regularmente na solidão do sítio do Povoado Pica-pau.

A sua identidade é preservada através da memória que aos poucos vai se revelando e neste momento é visível à alegria desta mulher que demonstra tanto vigor, tanto orgulho de ainda poder falar de sua vida. Por vezes ela diz que está muito doente e de repente uma lembrança a faz rir e evocar seus orixás. Então parece renascer.

A fala de D. Edite demonstra as dificuldades de ser mulher, negra e estar ligada à religião de matriz africana. Perguntei a D. Edite se ela sabe que a religião dela tem suas raízes na África, ela prontamente responde que sim e que África é mãe da terra. Durante toda a entrevista ela demonstra muito orgulho de ser mulher e tão forte, diz não ter medo de nada e fica triste quando não vai à feira vender suas mercadorias, demonstrando que ir vender a mantém viva e em contato com outras pessoas que não aquelas do seu povoado, que não a respeita, zomba dela e ao mesmo tempo tem medo do que ela possa fazer com eles.

Ela se diz feliz em ser de proveito (útil), poder contar sobre a formação da localidade. Observa-se que ela tem a consciência de que é possível conviver com as tradições afro-brasileiras e transmiti-las. Além disso, destaca-se como ela tem consciência do desenvolvimento do município no qual ela tinha uma relevante participação, pois alguns prefeitos a consultavam tanto em véspera de eleição como durante o mandato. Fatos como

esse permitem a D. Edite pautar sua importância e ela repete sempre “Uma mulher” Se referindo a si mesma.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Roberto E C. A Religiosidade Popular e o Folclore do Ciclo Junino. In: SILVEIRA, Selma (org). **São João é Coisa Nossa**. Aracaju.

DIHEL, Aston Antonio. **Memória e identidade: perspectiva para a historia**. Passo Fundo. Editora da UFP, 2002.

SÁ, Antonio Fernando Araujo. **Combate Entre História e Memórias**, Ed UFS, 2005.